

Comentário de Conjuntura

O retorno das tensões no Oriente Médio, trazendo novos impactos sobre rotas de transporte e preços de energia e derivados marcaram o mês julho. A alta nos preços das *commodities* voltou a pressionar as expectativas de inflação e reforçou a cautela dos bancos centrais. Apesar da maior volatilidade nos mercados, os indicadores de atividade permaneceram relativamente resilientes nas principais economias. Nesse ambiente, a evolução da inflação e dos mercados de trabalho continuaram determinantes para a condução da política monetária global.

Nos Estados Unidos, a atividade econômica surpreendeu positivamente, com consumo e investimento sustentando o crescimento, embora o PIB do segundo trimestre tenha avançado 1,5% em termos anualizados. O mercado de trabalho mostrou moderação no mês, com criação de 57 mil vagas e taxa de desemprego de 4,2%. A inflação ao consumidor acumulou 3,5% em doze meses, enquanto o núcleo permaneceu em 2,6%. Na reunião de julho, o Federal Reserve – Fed manteve os juros inalterados na faixa de 3,50% a 3,75%, com três dirigentes defendendo alta de 25 pontos-base. A combinação de inflação ainda elevada e petróleo mais caro reduziu o espaço para cortes no curto prazo.

Na Europa, o Banco Central Europeu – BCE manteve os juros inalterados, enquanto a inflação da Zona do Euro, em doze meses, recuou para 2,8% em junho, com o núcleo situando-se em 2,4%. A atividade, contudo, mostrou maior resistência, tendo o PIB avançado 0,4% no segundo trimestre. A alta do petróleo e os riscos sobre os preços do gás mantêm pressão sobre as perspectivas inflacionárias. Na China, o PIB cresceu 4,3% no segundo trimestre, mas a expansão de 1,0% das vendas no varejo em junho indicou moderação da demanda, reforçando expectativas de novos estímulos.

No Brasil, os dados recentes reforçaram a desaceleração da atividade, com recuos no dinamismo da indústria e do setor de serviços. No campo inflacionário, o IPCA avançou 0,16% em julho, acumulando 4,64% em doze meses, enquanto a melhora dos núcleos trouxe alívio ao balanço de riscos. A mediana do Focus para 2026 recuou para 5,03%, mas permanece acima da meta. Nesse quadro, o Banco Central do Brasil preservou postura cautelosa em suas comunicações sobre os próximos passos da política monetária, principalmente diante das expectativas de inflação ainda desancoradas e da inflação de serviços.

Recursos Garantidores

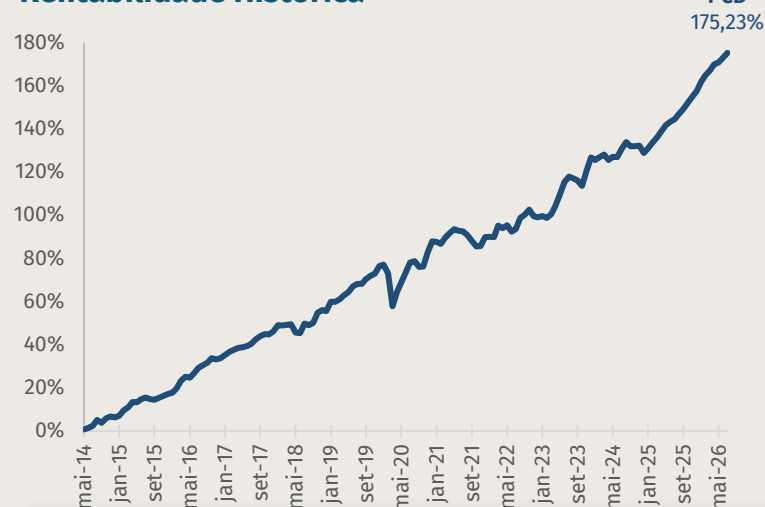
R\$ 308,3 milhões

Histórico de Rentabilidade (%)

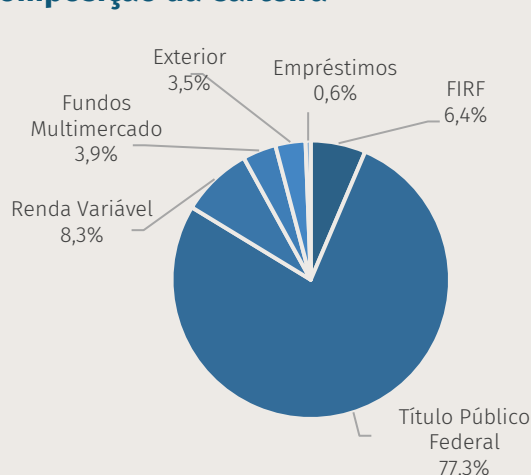
	2025			2026				12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	2º Tri	Jul	Ano				
PCD – Rent. líq.	6,29	5,86	12,52	3,69	2,23	0,83	6,87	12,58	19,31	26,37	42,95
Índice de Referência ^{2/}	4,88	3,09	8,12	2,90	2,39	0,39	5,77	8,43	18,32	28,20	57,99
IPCA	2,99	1,24	4,26	1,92	1,42	0,07	3,44	4,44	10,15	14,72	31,45
CDI	6,41	7,43	14,32	3,41	3,32	1,22	8,14	14,71	29,09	43,95	78,86

1/ IPCA + 4,0% a.a. em 2021, IPCA+3,7% a.a. de partir de 2022 a 2025, IPCA+3,9% a partir de 2026.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

Em julho, a carteira de investimentos do plano auferiu rentabilidade de 0,83%. O resultado foi favorecido pelo desempenho da Renda Variável, que avançou 3,30% no período, enquanto a Renda Fixa e o Estruturado apresentaram ganhos de 0,74% e 0,84%, respectivamente. O segmento de Exterior, por sua vez, apresentou retorno negativo de 1,22%, em um ambiente de valorização do real frente às moedas estrangeiras.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Julho/26
Renda Fixa	0,74
Renda Variável	3,30
Estruturado	0,84
Exterior	-1,22
Op. Participantes	0,94